20/11/ 2009, 12h, Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Sala de Atendimento aos Encarregados de Educação

Professor do grupo de Educação Musical, que na prática lectiva,

utiliza percussão em objectos sonoros *(EMP)*

- Professor António Brazinha –

(Duração – 47m 42s)

Quando surgiu a proposta para a criação de um Clube de Percussão como actividade de Enriquecimento Curricular qual a sua expectativas?

A minha expectativa é que havia a aderência dos alunos, uma vez que estamos inseridos num bairro problemático com várias culturas, desde a cultura cigana, à Africana e alguma cultura Lusa e houve sempre uma expectativa por parte, pelo menos, dos alunos Africanos.

Isso porquê?

Isso porque a experiência que nós temos, já em Educação Musical, é que esses alunos têm uma apetência rítmica e isso tem a ver com a sua tradição, que vai passando de pais para filhos. A sua cultura e eles ainda estão muito ligados à sua cultura, alguns nasceram em Portugal, outros alunos que temos aí, vieram das antigas províncias Ultramarinas e uma das coisas que sempre constatámos, era que eles eram muito bons ritmicamente. Daí a expectativa de o Clube de Percussão ter alunos, principalmente alunos Africanos, uma coisa que se tem constatado.

No entanto, também à procura por parte dos alunos Lusos, certo?

Sim, também.

Houve diversos condicionalismos, aquando a implementação do Clube de Percussão. Peço-lhe que nomeie alguns deles.

Condicionalismos em que sentido?

As partes menos boas, que correram menos bem.

Ah! Por exemplo, uma parte que correu menos bem foi a questão dos horários. Porque há diferença entre fazer a hora do Clube de manhã, fazer a hora do Clube à tarde, fazer a hora do Clube a um determinado dia da semana.

Um professor pode apanhar, num determinado dia, várias inscrições se os alunos estão disponíveis. Outra… uma das coisas que contribuem ou que contribuíam, para esses condicionalismos é precisamente se: o aluno é incentivado essencialmente pelos professores de Educação Musical, a inscreverem-se no Clube. Para já têm alguma afinidade com o seu professor e daí terem a iniciativa de se inscreverem no Clube, mediante esse incentivo dos professores. Se o professor for o dele, sente-se mais incentivado em participar no Clube, porque já o conhece. Eu penso que, se isso não acontecer há um condicionalismo, por outro o lado (e deu-se o caso, há dois anos atrás), que eu não tinha quase ninguém no meu horário e a professora Elsa tinha muitos alunos. Inclusivamente fazia com que o seu trabalho fosse um pouco desgastante, uma vez que tinha que estar com muitos alunos em sala de aula e aquilo tornou-se um bocado trabalhoso nesse aspecto. Inclusivamente ter de no final do ano fazer a observação de cada aluno e tudo isso.

Nós quando pensámos o Clube de Percussão pedimos que fossem dois professores a dinamizar o Grupo. No primeiro ano isso não aconteceu, no segundo já veio a acontecer. Sentiu algumas diferenças?

Sim, sim, sentiram-se muitas diferenças. Uma vez que, o que se trabalha não é um trabalho de sala de aula. Os alunos quando vêm, são logo alertados para estarem mais à vontade, para não ter o ambiente de sala de aula. Muitas vezes inclusivamente, aparecem alunos pela primeira vez que não estão inscritos…

Muitas vezes ao longo do ano lectivo.

Ao longo do ano lectivo. Se não se repartir um pouco estas tarefas que o professor tem que fazer, de os ensaiar e dos dirigir nalgumas partes rítmicas, (embora que se aproveite sempre aquilo que o aluno traz consigo, a sua aprendizagem), é muito difícil pôr dentro de uma sala vinte ou vinte e tal alunos, fazer aprendizagem rítmica um a um. Alguns alunos que vão pela primeira vez, às

vezes até destabilizam um pouco o que se está a fazer. Com dois professores esse trabalho é repartido, há sempre um professor que fala, que dá uma ideia. Não só, o outro professor que o substitui com outra ideia ou inclusivamente, dá seguimento ao trabalho, a orientação do próprio Grupo, é diferente.

Consegue ser mais personalizada.

Exactamente, resumindo é um pouco isso.

Mas também há interacção por parte dos jovens. Muitas vezes são os próprios alunos que orientam os que chegam de novo, certo?

Exacto, acontece isso. Eles gostam de fazer isso. Quando vêm algum colega com dificuldade em algum ritmo, gostam de fazer isso.

Isso reflecte o quê? Uma certa autonomia?

Para já, reflecte que os que lá estão aprenderam aquilo que lhes foi ensinado, logo ganharam autonomia. E uma das coisas que os professores fazem e deixam fazer, é precisamente que os colegas passem essa informação. Por vezes, por exemplo (aconteceu hoje comigo durante uma aula): havia uma aluna que não estava a perceber, a tocar bem, devido à falta de assiduidade e havia um aluno que estava (apesar de eu estar a corrigir a aluna), havia um aluno que estava sempre a querer dizer como era. Às tantas, disse para o aluno: - Vá então ajuda lá a tua colega.

Isso acaba por lhes subir um pouco a sua auto-estima, não é?

Claro, ainda por cima indicados pelo próprio professor, não é! Se o professor diz: -Ajuda lá. É porque o professor confia nele e pensa para com ele: o professor sabe que eu sei…

A auto-estima fica logo lá em cima e reflecte também uma certa solidariedade entre os próprios colegas, não?

Sim.

E há essa preocupação sente-se isso? Em eles serem solidários enquanto estão a executar? (Vamo-nos direccionar agora mais para o Clube de Percussão).

Sim. Uma das coisa que eu tenho reparado no Clube de Percussão: quando eles estão a tocar todos e quando eles estão a fazer o mesmo ritmo, eles têm a preocupação de ver quem não está a fazer o ritmo correcto e a chamar à atenção para isso. Têm a preocupação de estarem certos: entrarem certos, tocarem ao mesmo tempo.

Então o que me está a dizer é que para além da autonomia à responsabilidade por parte dos jovens?

De Grupo. Portanto, começa-se a notar que existe uma responsabilidade de grupo.

E disciplina.

Sim, pelo menos… a disciplina onde se vê mais é quando eles estão a tocar, mais do que quando não estão a tocar. Quando não estão a tocar, se for preciso, estão na brincadeira uns com os outros, estão a dizer qualquer coisa um ao outro que até não estão a gostar muito, mas quando toca ao trabalho e às tarefas propostas, neste caso no Clube de Percussão e aos ritmos, eles já entendem as coisas de outra maneira.

Nós temos estado a falar no Clube de Percussão, mas tanto eu como o professor Brazinha, temos trabalhado Percussão em turma, em sala de aula. As diferenças são muitas?

São algumas. Ontem comecei a experimentar uma turma. Comecei não logo com os instrumentos, mandei colocar um livro em cima da mesa ou um caderno…

Com instrumentos? Objectos sonoros, estamos a falar de baldes…

Sim claro. Mandei colocar dois livros, dois cadernos, qualquer coisa que fizesse altura. Comecei a fazer batimentos, ora na mesa, ora em cima dos cadernos. Houve mais para a frente, alguém que disse (portanto alunos que nunca tinham estado no Clube de Percussão):

-“Professor, isto é aquela coisa que fizeram com os baldes e com os paus?”, eles aperceberam-se disso.

Mas o que me está a dizer é realmente, muito interessante. Isso era uma turma de 6º ou de 5º?

6º ano.

Já tinha estado na escola.

Já tinha estado na escola e já tinha visto os outros tocarem. Entusiasmaram-se muito com a ideia, quando eu disse que íamos aprender primeiro os ritmos, para depois passarmos aos objectos sonoros, (a esses que nós chamamos instrumentos) e notei logo uma grande compenetração, que era: quando alguém exagerava, foi um caso que aconteceu (começamos a fazer um ritmo em crescendo), quando alguém exagerava, era logo criticado pelo resto.

Então já havia a preocupação da música enquanto música? Com fruição estética?

Sim, já havia. O que estava a exagerar ou o que estava na brincadeira devia logo ser posto de parte…

Eles próprios diziam isso?

Diziam, diziam.

Sentido de justiça também.

Eu entrevi nesse aspecto, houve dois que continuaram, até na risota a fazer isso, e houve alunos que pediram para eles não participarem naquela altura.

A disciplina… também serem eles os responsáveis…

Aquilo que eu penso é que o Clube de Percussão trás (e quando eu falo nesta coisas das expectativas, como já falei atrás, que a comunidade que estava à volta, as culturas que envolviam esta escola davam essa expectativa), eu posso dizer que eu tenho que mandar parar alunos na sala de aula e não estamos a falar de Clube de Percussão, para deixarem de bater na mesa: ou estão a fazer ritmos ciganos, mesmo sendo Africanos ou de descendência Lusa (os ciganos

também são de descendência Lusa, mas têm a sua cultura) ou estão a fazer ritmos Africanos.

Portanto o ritmo faz parte das suas vivencias, logo à uma expectativa…

Constantemente eu tenho que dizer: -"Parem lá com isso, agora não! Havemos de fazer noutra altura."

Quando foi criado o Clube de Percussão, voltando um bocadinho atrás, a expectativa estava aí: O que é que eles têm para nos dar? De acordo com as suas vivências.

Exacto.

Se hoje se fala do grupo de percussão e ainda há pouco referiu essa experiência com uma turma, considera-se ter sido desenvolvido trabalho efectivo com os estudantes. O que é que considera mais relevante nesse trabalho?

O que considero mais relevante nesse trabalho é… podia-se falar em várias coisas: estratégia, a actividade em si. Porque nós estamos a abordar a música de outra forma, duma forma que não é habitual na escola. O professor de Educação Musical, as aulas de Educação Musical tem o fundamento da aprendizagem musical, aqui tem mais a aprendizagem mais rítmica, mas também se lida com vários materiais sonoros de diversos timbres sonoros. Eu acho de muito positivo é que, através dos materiais sonoros, que afinal são materiais recicláveis (aquilo que se pode considerar lixo), como é que eles vêem naquilo uma coisa com valor musical.

Quando eu perguntei o que é mais relevante, está-me a levar para o caminho da ecologia?

Não. O que eu estou a dizer é que como é que esses materiais dizem-lhes tanto, em termos sonoros, uma vez que é um balde, uma vez que é um pau de vassoura, são umas latas, que até devia estar no lixo.

Eles respeitam o material que têm, os objectos sonoros que utilizam?

E acham interessante. Não vêem aquilo de maneira diferente do que se estivessem a ver uma flauta, um teclado ou um xilofone. Eles dão valor da mesma maneira, eu acho isso muito positivo, uma vez que poderiam dizer: - Então estamos aqui na música e isto é com baldes, é com paus. E não, eles dão valor e tiram partido. Realço a questão de podermos trabalhar com esses materiais e conseguimos despertar interesse nos alunos com esses materiais para a música.

Mas não somos só nós professores em sala de aula que conseguimos despertar esse interesse. O Grupo de Percussão já fez um trabalho, nesse sentido, os outros alunos também já tiveram conhecimento, não cabe só ao professor a tarefa de … Eles já tiveram um exemplo vivido, acabaram por ver e ouvir esses materiais como objectos sonoros, como instrumentos musicais, não é?

Estás-te a referir a quê?

A eles terem já presenciado actuações públicas, logo respeitam talvez por isso, também.

É assim, as várias coisas que o Clube de Percussão fez, tiveram apresentações públicas e isso é sempre valorizado, quer por parte de quem participa, porque acha que lhes dá e promove a sua auto-estima e que estão a apresentar uma coisa em público, para mim e para esses alunos é bastante positivo, agora para os outros… Começa a ser positivo também para os outros, na medida em que já se apresenta aquilo como uma forma de uma actividade que se está a desenvolver.

Poderíamos falar, de alguma forma, de cultura de escola? Eles já identificam bem o que é o Clube de Percussão?

Eu penso que essa questão, dessa Cultura de escola, que talvez mais este ano. Com a persistência deste ano, traga mais essa cultura de escola. Eu penso que apesar de tudo não foram muitas as apresentações e à medida que vai passando… aí é que eu penso que a cultura de escola vai solidificar, à medida que o tempo vai passando. Acho ainda muito cedo, para se dizer que é uma cultura de escola, porque se alunos agora não se aperceberem que continua a haver o Clube de Percussão, que vai haver actuações, poderia ter sido só aquilo

que se passou o ano passado e não passar daí. A cultura de escola vai se fazer com a persistência e com a continuação. Eu penso que ainda não se pode falar de uma cultura de escola.

No entanto já estão despertos para essa actividade, pelas actuações que foram feitas.

Sim, inclusivamente eles identificam logo.

Identificam o quê?

Quando se começa a trabalhar com eles. Os alunos que não participaram ainda no Clube, ou que o ano passado não quiseram participar, já têm uma referência. O Grupo de Percussão já passa a ser uma referência. Quando nós começamos a trabalhar com eles, então eles dizem: - Ah então isto é uma coisa para continuar!

Falámos aqui das apresentações públicas, que apesar de não serem muitas ainda foram algumas. Não foram muitas para a população escolar, acabaram por ser duas para os nossos alunos, mas foram feitas outras em espaços diferentes. Que balanço faz dessas apresentações públicas?

Na minha opinião e eu penso que na opinião de muita gente ligada à música e às apresentações públicas, que se torna uma experiência negativa quando não há as condições necessárias e que ou quem está a dirigir e a coordenar não arranja as condições para que aquilo tenha sucesso, a prestação dos alunos em si, não é! Eles estão treinados e gostam de apresentar, mas se não houver os meios necessários aquilo não vai… não surte o efeito necessário e um exemplo que temos, foi na apresentação lá no Bonfim. Foi para um público que passava por lá, apareceu um público ali à volta; é diferente se for uma actuação que se sabe que já há um público, é completamente diferente. Por outro lado há sempre entraves, como por exemplo o sítio onde eles vão apresentar as coisas. Se vamos fazer percussão, no caso do grupo que utilizava os paus a bater no chão, se eles não tiverem o espaço necessário, começam a não sentir-se à vontade, porque aquilo que foi ensaiado, vai encontrar dificuldades. O espaço mais reduzido e depois tenta-se colocar uns no chão, outros no palco e aquilo não sai como deve ser. Por outro lado, com outra experiência que houve, que eu acho que também não foi

assim muito positiva, foi aquela ali no Parque da Bela Vista, quiseram quase à força que o Grupo de Percussão fosse actuar, porque era uma festa. Depois era preciso um estrado de madeira, não havia um estrado de madeira.

Eu penso que se não houver as condições essenciais que isso prejudica. O que penso que há a fazer é: como Grupo, tem que ser exigente, não podemos pensar as coisas assim: estamos na escola, somos um grupo amador, então isto vai de qualquer maneira.

Eu lembro-me perfeitamente de um vez que o Luís Represas estava a cantar na televisão em directo e que o som não estava a sair bem. Ele pára a canção a meio e diz: - "Não toco mais." E não tocou. Porque ele estava a ver que as coisas não estavam a sair como deviam… (dissertação sobre este assunto)

Aquilo que eu penso é que a música por ser feita por alunos ou alguém que não é considerado profissional, que não é cabeça de cartaz, não deve ter a mesma exigência! Às vezes até deve ter mais e eu tenho isso como princípio, porque depois é uma má experiência. Apesar dos miúdos quererem não sei quê. Não! Nesse aspecto devemos ser exigentes.

Mas considera que foi uma má experiência as apresentações que fizemos o ano passado?

Aquilo que eu considero é que eles estiveram bem.

Eles estiveram bem, mas?

Eles estiveram bem, fizeram o que deviam, estiveram concentrados, foram coordenados pelos professores e com resultado. Eu penso é que, não foi uma experiência… não se pode considerar uma experiência positiva como apresentação. Pode-se considerar uma experiência positiva por eles terem estado, por nós termos feito com que eles apresentassem, estivessem em público. Mas temos o exemplo da última festa que o Grupo de Percussão foi tocar sem ninguém a assistir.

Tem a ver com a organização.

Tem a ver com a organização. Que eu lembro-me que uma vez, já há muitos anos, quando tive um dos tais chamados grupos de música popular, ter um

convite para ir tocar ao clube no Conselho do Barreiro e quando lá chegámos não havia ninguém, não havia aparelhagem, não havia nada. E um conjunto que estava lá, um grupo de baile que estava lá com uma aparelhagem, forneceu-nos algum equipamento sonoro e tivemos que adaptar microfones a paus de vassoura, porque havia aquela coisa: -"Tocamos, não tocamos!?" Já que estamos aqui, vamos tocar, vamos para a frente com isto. Afinal essa nossa apresentação foi num intervalo de um baile… (dissertação sobre esta situação).

Mas transpondo agora para o Grupo de Percussão, o que é que nós poderíamos fazer nesse sentido?

Seria trabalharmos para isso, para termos material que pudéssemos contar, ou então sermos exigentes a esse ponto. Por exemplo em questões de palco, tamanho. Há uma festa, há não sei quê, Bela Vista, o Grupo de Percussão. Então vamos lá, apareçam lá para fazer isto, não sei quê!...

Tem que haver uma maior preocupação com as condições que nos são dadas quando saímos para actuar?

Sim, sim, sim. E isto em beneficio do Grupo.

Mas nessas apresentações exteriores, como é que sentiu o comportamento dos jovens? Não só na própria apresentação como na viajem, no transporte, nos momentos em que estivemos à espera para actuar?

Foi um comportamento, posso dizer, exemplar. Há sempre um aluno que, às vezes quando nos acompanha: -"vou ali espreitar isto ou aquilo", mas se nós chamarmos à atenção eles acatam, mas é completamente diferente.

Mas, se nós estamos aqui numa escola TEIP com graves problemas disciplinares, o que é que considera que os faz mudar de atitude nesse tipo de situação?

Aquilo que eu considero é que, aquilo que eles vão fazer, a importância que eles dão àquilo que eles vão fazer. Para eles, aquilo que vão fazer é algo de muito importante. Daí que, está bem que se tiverem mau comportamento deixaram de participar em actividades destas, por outro lado sabem que estão

fora da escola, sabem que os professores que estão com eles são os responsáveis e eles subentendem que devem acatar alguma chamada de atenção, não é.

Que por vezes não fazem dentro da sala de aula?

Exactamente, por vezes não fazem dentro da sala de aula.

Acatar as indicações dos professores.

Sim. É que o ambiente de sala de aula é completamente diferente. Dentro de uma sala de aula o aluno fala para o outro, mesmo que fale baixo, distrai o outro.

Mas acha que de alguma forma este tipo de actividades podem vir a trazer frutos no sentido de os responsabilizar a saber estar?

Isso pode mudar, depende da frequência com que se façam, estas actividades e do desenvolvimento que esta actividade irá ter no futuro não é! Nós estamos a ver a coisa em pequeno grupo, mas a aspiração do Clube, é que isto seja, é conseguir fazer em grande grupo.

Que importância atribui a esta actividade na vida escolar dos alunos?

Eu penso que essa pergunta já foi mais ou menos respondida, porque o que posso agora destacar mais a essa pergunta, é que há uma ligação à escola. Estas actividades embora se façam, não estão fora do contexto escolar, porque são feitas dentro da escola, são com os professores da escola e aí há um relacionamento com essa questão da escola.

Poderá motivá-los para frequentarem o espaço escola? (Porque sei que o Clube de Percussão funcionava a horas que nada tinham a ver com os seus horários)

Exactamente.

Poderá de alguma forma motivá-los a virem à…

Eu penso que qualquer iniciativa que os faça chamar, que contribui. Tenho estado com alguns alunos do Clube de Percussão, que me perguntam: - “Professor então o Clube de percussão? Eu gostava de voltar”. Alunos que estão

agora no 7º ano (uma vez que trabalhámos mais com 5º e 6º) e tenho alunos que estão no 7º ano e que tiveram música e que vêm ter comigo: -"Eh, este ano não temos música, eu gostava de ter música": Até, com eles, já falei a questão da Tina: -Apareçam lá. – "Ah está bem". Mas pronto…

E como é que avalia o desempenho musical dos estudantes, enquanto grupo instrumental?

Eu avalio muito positivamente.

Em termos de acuidade rítmica, acuidade auditiva?

Sim, sim. E por exemplo a experiência que eu tive com os alunos que trabalhei e assisti a outras partes, não é! Porque, mais ou menos tínhamos as coisas divididas em dois grupos, em dois estilos, aquilo que reparo é que eles têm a preocupação de fazer bem, têm a preocupação de fazer certo. E uma das coisas também que eu reparo é, como eles conseguem repetir ensaio após ensaio até atingir quase a perfeição. Se bem que "ninguém é perfeito!" Mas há sempre essa acuidade musical rítmica, eles quererem sempre atingir aquilo que está certo. Eu penso que os professores do Clube também têm algum mérito nisso, pela sua insistência, chamadas de atenção e reparos que vão fazendo. Uma das coisas que eu considero positivo que o Grupo de Percussão faz é, por vezes pararmos para conversar. É muito, muito importante parar para conversar sobre alguma correcção que há a fazer nos ritmos, sobre a responsabilidade como grupo em si, o que cada um deve entender pela sua participação no grupo. Eu penso que isso também é muito positivo para depois conseguirmos um bom trabalho.

E como avalia a técnica de percussão dos estudantes no que respeita à coordenação físico-motora?

A maioria dos alunos vem ao encontro das expectativas, tem facilidade em fazer algum ritmo que se propõe, embora que aquilo depois são uma série de ritmos que se vai cortando… mas desculpa tinhas dito?

Na coordenação físico-motora, a técnica de percussão.

Ah, pois. Vêm ao encontro das expectativas. Por vezes alguns vêm com menos coordenação, mas reparo que alguns deles não desistem e continuam a trabalhar e que muitas vezes conseguem.

E poderá aí ver-se a tolerância que o resto do grupo tem para com esses estudantes com mais dificuldades?

Ainda há pouco falámos, que deixávamos os colegas corrigir e ensinar quando um aluno tinha dificuldade. Eles eram os próprios a corrigir, a dizer como é que deviam fazer.

Então considera que a música consegue educá-los também enquanto cidadãos?

Vamos ver: eles têm que saber estar em grupo, têm que saber respeitar o outro, têm que saber o que é a cooperação, porque a música em conjunto, forçosamente, tem que haver cooperação. Têm que estar todos ao mesmo tempo, têm que estar com atenção todos ao mesmo tempo, têm que se respeitar uns aos outros, se o colega tem mais dificuldade e se ele o está a corrigir, aqui está a haver cooperação, não é! A única coisa que eu noto, e isso tem a ver com a idade deles e ao mesmo tempo (poderá parecer que isso é negativo) mas ao memo tempo, se nós pensarmos bem é positivo: quando mandamos parar, quando vamos começar. Eles já querem tocar. Essa parte é difícil, que é: vamos concentrar, vamos atender aos sinais e vamos entrar. Mas assim que nós dizemos: Vão buscar os materiais. Cada um pega no seu material, começam logo a bater, começam logo a fazer ritmos, começam logo a tentar fazer aquilo que faz parte da peça rítmica que eles estão a trabalhar. E por vezes o que é difícil é acalmá-los ao ponto de: -Vamos começar todos ao mesmo tempo. Talvez possa parecer negativo, mas ao memo tempo é positivo que é, eles estão tão despertos para fazerem aquilo, que quase não se conseguem conter de dar o sinal do início.

Eu com os meus alunos o ano passado, senti isso mais no início do trabalho, depois mais para o fim, isso ficou mais diluído. Eles próprios já se organizavam, já pediam aos outros para…

Eles começaram a ver que o que estávamos a fazer tinha princípio, meio e fim e já sabiam o que era mesmo para fazer.

Há alturas em que começamos a praticar uma etapa, depois outra, depois outra e aquilo ainda não está dentro da cabeça deles como uma peça completa.

Considera que este Projecto vai ao encontro dos objectivos delineados no Projecto educativo de Escola?

Eu penso que sim, uma vez que a Escola quer dar aos alunos, neste caso por intermédio dos Clubes, uma oferta para que eles possam estar na escola mas de uma maneira que eles gostam. Não é aquela coisa: -Eu tenho que ir para a escola aprender esta disciplina, a outra e a outra. É como se fosse um chamamento aos alunos, trazê-los à escola. Eu penso que sim, uma vez que pela frequência e pela apetência que os alunos têm em relação ao Clube de Percussão, eu penso estar a inserir no Projecto.

Para além disso um dos objectivos é educá-los enquanto cidadãos.

Uma vez que frequentam o Clube e está integrado no próprio Projecto. O Projecto tem a ver com essa educação para a cidadania também faz parte. Eu penso que todos os meios são bem-vindos, todos eles, que possam chamá-los são bem vindo. E aqui neste caso a música tem sempre um contributo a dar.

Então para terminar pergunto: Pensa que esta actividade tem dado alguma visibilidade ou mesmo prestígio à Escola Básica 2,3 Bela Vista?

Eu creio que tem dado, mas podia dar mais. Se nós pensarmos, e aqui é um contra-senso, o que nos é dito é que os horários têm que ser preenchidos com Aulas de Substituição, Grupo de Orientação Disciplinar e essas coisas estão todas à frente. Neste caso os Clubes ficam para trás, mas depois há um contra-senso, a Escola acha no seu Projecto, que estes Clubes vêm trazer aos alunos uma mais-valia na sua educação para a cidadania e depois vemos muitas vezes, a relegar para segundo plano estas actividades, porque as outras são mais importantes!? Portanto, eu começo a pensar que não sei o que é que o ministério quer! Se é termos cidadãos mais participativos em actividades que fazem com que a sua educação para a cidadania se desenvolva de uma maneira positiva em relação à escola, se estamos a dar importância às outras coisas ou se queremos tudo ao mesmo tempo!? Eu penso que isto devia ser visto de outra maneira ou devia haver alguém que alertasse alguém mais acima e dissesse: -Atenção

estamos numa escola TEIP, numa escola com características diferentes das outras, vamos aproveitar aquilo que está a dar resultado.

Não vamos ter um Clube de Percussão ou agora uma Tuna, só por ter, isso é para quê!? Para dar nome à Escola!?

Mas quando diz falar com alguém mais acima no sentido de…?

No sentido de mais importância ao trabalho que o Grupo de Educação Musical está a fazer, por exemplo: (já para não falar nos outros Clubes, que não me compete imiscuir nas outras disciplinas), mas ao Grupo a que eu pertenço, acho que devia ser dada mais importância. Por exemplo: Festa de Natal – movimentação de alunos, alegria na Escola, o Grupo de Educação Musical vai para a frente; se for alguma actividade no meio do ano, o Grupo de Educação Musical vai para a frente; se for no final do ano, o Grupo de Educação Musical vai para a frente. Se o Grupo de Educação Musical tivesse mais horas para trabalhar, daria um contributo muito maior. É como se fosse… faço uma comparação que me vem à cabeça: uma pessoa amordaçada a querer falar; a vontade que o Grupo de Educação Musical tem, de querer ir para a frente, querer trabalhar e depois tem as mãos amarradas, porque: -"Atenção o horário"; "atenção que não há horas para isto, não há horas para aquilo…" O exemplo que temos foi um pedido que nos foi feito, depois do projecto apresentado para a Tuna. Depois tínhamos um horário para o Clube de Percussão onde só tínhamos 45m para a Tuna. Mas como é que isso é possível!? Não é! Nós lá conseguimos dar a volta ao assunto, que é colocar os 45m de coordenação para o Clube de Percussão, que não vai ser só coordenação do Clube de Percussão mas também da Tuna. Porque também vamos aproveitar esse tempo para tratar dos materiais…

Em que horário vão ser trabalhados os miúdos do Clube de Percussão?

No horário das aulas.

Portanto nós este ano…

Vamos ter que fazer no tempo de aula, vai dar um esforço muito maior aos professores porque têm um programa para dar e ainda vamos colocar a parte da Percussão dentro do horário da aula, vai complicar…

Não foi dada a devida atenção e o devido horário para um Clube que, por aquilo que se sabe teve algum…

Êxito. E teve, teve. Se não, não nos diziam logo: -“Então e o Clube de Percussão? Isso também é para continuar”.

Então, de alguma forma deu visibilidade à Escola, não é? Era essa a questão.

Mas pode dar ainda maior visibilidade se nos derem ferramentas para isso, se nos derem horário para trabalhar.

Obrigada professor Brazinha.